



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

**Apagamento e preenchimento do objeto direto co-referencial:
Estratégia e condicionamentos de uso nas redes sociais.**

Sarah Benites Sampaio Colombini

**Brasília
2013**



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

**Apagamento e preenchimento do objeto direto co-referencial:
Estratégia e condicionamentos de uso nas redes sociais.**

Sarah Benites Sampaio Colombini

Trabalho de conclusão de curso elaborado à Universidade de Brasília como requisito parcial para a graduação em Letras – Português.

Orientadora: Professora Doutora Rachel do Valle Dettoni

**Brasília
2013**

Agradecimentos

Aos meus pais e à minha madrinha, aos meus irmãos e meus avós, pelo amor e por acreditarem em mim e no meu potencial, por estarem ao meu lado em todos os momentos e por investirem na minha educação, desejando para mim uma vida de vitórias.

À professora doutora Rachel do Valle Dettoni, que me apresentou a Sociolinguística, uma área incrível de estudos do curso que escolhi para minha vida, que aceitou ser minha orientadora neste trabalho e me ofereceu todo o apoio e cuidados para que este projeto se concretizasse.

Ao Gustavo Mont'Alvão Canela, por todas as tardes de estudo, pelo incentivo e pelo companheirismo. O ouvido mais amigo e o estímulo que eu encontrei para perseverar.

Ao Fernando Rezende, sempre preocupado com o andamento da pesquisa, se disponibilizando, a todo o momento e com todo o carinho, a ajudar a aperfeiçoar o meu trabalho.

Índice

Introdução

1.	Revisão Teórica.....	7
1.1	Cunha & Cintra (2010).....	7
1.2	Heloísa Maria Moraes Moreira (1998).....	8
1.3	Mattoso Camara Jr. e Falcão Uchoa (2004).....	11
1.4	Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1986).....	12
2.	Procedimentos Metodológicos.....	14
2.1	Seleção de dados.....	15
3.	Hipóteses.....	16
3.1	Condicionamentos Linguísticos.....	18
4.	Análise de dados e conclusões.....	19
4.1	Condicionamento Linguístico Morfológico.....	20.
4.2	Condicionamento Linguístico Semântico.....	21
4.3	Condicionamento Linguístico Sintático.....	22
4.4	Condicionamentos Sociais.....	23
5.	Considerações Finais.....	27
	Referências Bibliográficas.....	28

Introdução

Este presente trabalho se propõe a analisar as estratégias de uso e os condicionamentos linguísticos e extra-linguísticos referentes ao uso do pronome lexical, do apagamento ou do clítico nos casos de objeto direto anafórico. Os dados foram coletados a partir de conversas em chats de redes sociais a fim de analisar o comportamento dessas variantes em ambiente espontâneo de fala, em que não há monitoramento por parte do falante. Foram coletadas 168 ocorrências de apagamento e preenchimento do objeto direto anafórico, os dados serão analisados separadamente, levando em conta 2 fatores sociais; o grau de escolaridade - ensino fundamental, médio e superior – e a faixa etária – 15-20 anos, 21 – 30 anos e 31 – 50 anos. Isto porque acredita-se que a escolaridade e idade são fatores que influenciam o uso de uma variante em detrimento de outra.

A gramática Normativa (cf. CUNHA & CINTRA, 2010) estabelece a função de predicativo e sujeito para os pronomes de caso reto e, no caso do pronome *ele(a)(s)*, quando oblíquo tônico, usa-se apenas quando antecedido de preposição. Por outro lado, os clíticos são usados quando o referente exerce função de objeto direto. A gramática normativa condena o uso do pronome reto exercendo esta função de objeto, porém não faz comentários a respeito do apagamento deste termo referencial.

A língua, sistema vivo e dinâmico, apresenta fenômenos que se opõem às regras gramaticais, porém não acontecem de maneira arbitrária ou aleatória. No capítulo reservado à revisão teórica, serão apresentados trabalhos de Heloísa Maria Morais Moreira Penna (1998), em que apresenta um estudo diacrônico do uso *ele-acusativo*, Mattoso Camara Jr. E Falcão Uchoa (2004), que trazem estudo a

respeito do comportamento do pronome lexical no português do Brasil e o trabalho de Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1986), que apresenta proposta semelhante à deste presente trabalho, uma análise referente ao uso do ele-acusativo, clítico e categoria vazia no português do Brasil.

Este trabalho pretende mostrar que a estratégia de uso do pronome lexical, ou do clítico, ou do apagamento se dá por conta de fatores sociais e linguísticos que condicionam estas escolhas. Os condicionamentos linguísticos serão divididos entre natureza morfológica, sintática e semântica. E condicionamentos sociais, como já foi dito, serão referentes ao grau de escolaridade e faixa etária dos informantes da pesquisa. Em seguida, serão apresentadas as considerações finais, onde será feito um panorama dos resultados obtidos através da análise dos condicionamentos linguísticos e extra-linguísticos de uso das variantes.

1. Revisão Teórica

1.1 Cunha & Cintra (2010)

A Nova Gramática do Português Contemporâneo, Cunha & Cintra (2010), quando trata do emprego dos pronomes retos, o que inclui o uso do pronome ele, diz que estes podem exercer as seguintes funções: sujeito, predicativo do sujeito e vocativo, nos casos de tu e vós. Estas são as únicas funções para as quais a gramática normativa aceita o uso dos pronomes retos. Por outro lado, o uso do pronome ele no caso oblíquo tônico só é permitido quando antecedido de preposição. Ex:

- (1) Estive com ele.
- (2) O meu ódio a ela crescia dia a dia.
- (3) Nem eu as compreendo a elas.

Os autores ainda esclarecem que:

"Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito frequente o uso do pronome ele(s), ela(s) como objeto direto em frases do tipo: Vi ele, Encontrei ela. Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada." (CUNHA & CINTRA, 2010, p.302),

Ou seja, o pronome ele não deve exercer função de objeto direto das orações, exceto quando precedido de preposição. Já existem pronomes oblíquos

átonos que assumem esta função: são os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*. Ex:

(4) Eu avisei-o.

(5) Ele olhou-a, espantado.

A gramática também trata das figuras de sintaxe. Para nós, interessa saber a respeito da elipse, que é a "omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir" (CUNHA & CINTRA, 2010, p.633). Porém, quando trata da elipse como processo gramatical, a GT somente trata do apagamento do sujeito, do verbo, de certas preposições e da conjunção integrante *que*. Cunha & Cintra ainda advertem que, nesses casos, "a ELIPSE de um termo deve ser invocada apenas quando manifesta. E ainda assim, com extrema prudência." Não são tecidos comentários a respeito do apagamento do pronome objeto. Contudo, como a elipse é considerada uma figura de linguagem de caráter estilístico, os falantes da língua se permitem suprir não só o sujeito e verbo, como também o objeto direto, ainda que esta supressão não seja prevista pela gramática.

A omissão do pronome objeto não é explicitada pela gramática normativa, enquanto que o uso *ele(s)* e *ela(s)*, não precedido de preposição, é condenado quando funciona como objeto direto das orações. Este é um dos motivos que nos leva a entender o porquê do fenômeno do pronome lexical *ele* ser estigmatizado, mas não o fenômeno do apagamento.

1.2 O emprego do *ele*-acusativo: do português brasileiro ao latim

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (1988) traz para o estudo do fenômeno linguístico referente ao uso do pronome *ele* acusativo uma perspectiva diacrônica de análise. A autora pretende traçar a história das transformações de

uso do demonstrativo *ille* do latim, que resultaram na instauração do pronome *ele* nas línguas românicas como pronome pessoal e, a partir daí, entender o uso diferenciado do pronome de terceira pessoa em relação aos de primeira e segunda do caso reto.

Primeiramente, a autora trata das divergências de opinião de estudiosos da linguística, que se dividem entre a hipótese ou do brasileirismo ou do arcaísmo para justificar o fenômeno do *ele* acusativo. Os que acreditam no fenômeno como criação dos falantes do português do Brasil defendem o argumento de que o uso do *ele* caso-regime se dá no português arcaico apenas com valor enfático e não estabelece relação obrigatória com o fenômeno do português do Brasil. Este valor enfático de uso do pronome lexical aparece com mais frequência em obras literárias, portanto possui valor também estilístico. Por outro lado, a autora, que assume defender a tese do arcaísmo, traz análise de documentos notariais do português arcaico para mostrar que o uso do *ele* acusativo se dá também em documentos não literários e que o fenômeno não se restringe ao acusativo enfático, mas dá-se em outras várias circunstâncias de uso.

Mattoso Câmara (1972) considera o fenômeno do *ele* acusativo como originário do português do Brasil e diz que o sistema de pronomes pessoais do português brasileiro passou por diversas mudanças que favoreceram essa possibilidade de uso do *ele* em todas as funções sintáticas. A terceira pessoa pronominal, para Mattoso Câmara, é uma forma sintaticamente invariável e possui características muito semelhantes à dos nomes e demonstrativos. Contudo, Maia (1986), defensor da hipótese do arcaísmo, mostra que esta proposta de Mattoso Câmara pode ser estendida para a ocorrência do fenômeno no antigo

galego português, em que os pronomes de terceira pessoa apresentam-se como invariáveis do ponto de vista sintático, podendo desempenhar funções diversas nas orações. Penna também traz o estudo da autora Martins (1994), especialista em análise de documentos do português arcaico, que notou não somente o uso do pronome *ele* acusativo com valor enfático, mas também afirma que a posição de objeto direto era preenchida pelo pronome acusativo *ele* e que esta construção só ocorria com o pronome tônico de terceira pessoa e não com os demais. Estes resultados da análise dos dados do português arcaico são argumentos favoráveis à hipótese de retenção linguística.

Após a constatação do fenômeno não só no português do Brasil como no português do século XVIII, a autora se concentra em responder o porquê do uso diferenciado do pronome de terceira pessoa em relação aos demais pronomes, buscando no latim a evolução do uso do demonstrativo *ille*, a fim entender este comportamento distinto. O sistema pronominal do latim apresenta apenas duas pessoas: *ego*, *tu* e *nos*, *vos*. A expressão pronominal de terceira pessoa foi uma inovação das línguas românicas. Ou seja, no latim, o pronome *ille* era usado como demonstrativo exofórico e endofórico e não como pronome pessoal. Os pronomes demonstrativos podem recuperar ideias, objetos ou sentenças inteiras, enquanto os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa só se referem a pessoas do discurso. Por fim, o pronome de terceira pessoa, analisando morfológicamente, não apresenta variações de raiz no que se diz respeito às flexões de gênero e número, justamente por ter sido implantado no esquema de pronomes pessoais tardiamente. O comportamento morfológico do pronome *ele* é semelhante ao dos substantivos e adjetivos, fato que favorece também a semelhança sintática, o uso do pronome *ele* sem distinções de caso.

1.3 “Ele como acusativo no português do Brasil”

Mattoso Camara Jr. e Falcão Uchoa (2004) tratam, no capítulo “Ele como acusativo no Português do Brasil”, das particularidades de uso do pronome de terceira pessoa e também trazem hipóteses que justificam a ocorrência deste mesmo pronome funcionando como objeto anafórico das orações. Primeiramente, os autores discorrem sobre as normas da gramática, que trazem do latim (*ille*) a justificativa para o uso restrito de *ele* como caso-sujeito. Ainda segundo a gramática normativa, o acusativo de terceira pessoa é representado pelo pronome **o** e o dativo se dá através do pronome **lhe**. Porém, contrariamente à proposta da GT, os autores destacam que o uso do *ele* acusativo no português do Brasil é fenômeno vivo e não é reproduzido somente por falantes das baixas classes sociais. Este fenômeno é generalizado. Apesar de ressaltarem que em ambientes formais ou acadêmicos, o uso do pronome acusativo **o** ainda é notável, nem mesmo nestes ambientes, onde a formalidade é uma exigência, está extinto o uso do *ele* caso-regime.

Mattoso Camara Jr. e Falcão Uchoa trazem uma nova interpretação para o uso do pronome lexical. A hipótese é de que o pronome *ele* seja uma forma invariável do ponto de vista sintático, pois, diferentemente de outros pronomes retos, a terceira pessoa não apresenta uma flexão casual. O capítulo traz exemplos que deixam mais clara esta ideia: *Pedro anda, falo a Pedro e vejo Pedro*, equivalem respectivamente a *ele anda, falo a ele e vejo ele*. O pronome de terceira pessoa difere dos demais, pois, para cada caso de primeira e segunda pessoa, existe uma forma distinta de pronome, átono ou tônico, enquanto que a

terceira pessoa se utiliza da mesma forma para os dois tipos de caso, acusativo ou dativo.

Outro argumento que favorece essa hipótese é o da flexão deste pronome, que se comporta de maneira muito semelhante aos nomes e demonstrativos. O pronome *ele* se flexiona em gênero (ele) e (ela) e em número (eles) e (elas). O que não ocorre com os pronomes de segunda e terceira pessoa, que possuem plurais e gêneros heteronímicos. Há também a questão de que os pronomes de terceira pessoa se referem não somente a pessoas do discurso, como também a nomes, enquanto que os pronomes de primeira e segunda pessoa se referem somente a pessoas do discurso. Estes são argumentos tratados pelos autores que evidenciam o comportamento diferenciado dos pronomes pessoais de terceira pessoa e a sua semelhança com os demonstrativos no que se diz respeito à forma e função.

1.4 Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil, Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1986)

No estudo de Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1986), são analisados os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos na escolha de preenchimento ou apagamento do objeto anafórico. Foram analisadas 1974 ocorrências, produzidas por 50 falantes divididos em faixas etárias de 22-33 anos, de 34-45 anos e 46 anos em diante, divididos em diferentes escolaridades; 1º, 2º e 3º grau. Houve também um grupo particular de 5 jovens cursando o ensino fundamental. Esta separação em grupos, levando em consideração escolaridade e idade, ocorre porque a autora acredita que estes dois fatores extralinguísticos são condicionamentos sociais que propiciam o uso de determinada variável.

O estudo conclui que, no que diz respeito às ocorrências de clítico, o condicionamento significativo foi referente à forma em que se encontravam os verbos. Apesar da baixa ocorrência de clíticos (4,9%), as formas verbais infinitivo e gerúndio condicionaram este preenchimento, havendo preferência pela forma **lo**, o que se dá a partir da ênclise nos verbos infinitivos. O traço [+animado] também foi fator de preferência para o preenchimento, não somente com o clítico como também com o pronome lexical. O apagamento se dá de forma quase categórica (62,6%), porém se mostra mais acentuado nos casos em que o referente é [-animado]. Já a ocorrência do pronome lexical (15,4%) aparece condicionada também pela função sintática do objeto anafórico nas orações. Os referentes que possuem função de objeto direto da oração principal, mas também assumem função de sujeito/agente da oração subordinada tendem a ser preenchidos pelo acusativo *e/e*. Há também o preenchimento do pronome lexical quando a estrutura simples apresenta predicativo.

A análise dos condicionamentos extralinguísticos trouxe resultados que revelaram a importância da escolaridade e da idade na escolha das variáveis. As ocorrências de uso do clítico foram mais acentuadas nos falantes de 3º grau e de maior faixa etária, enquanto que o uso do clítico foi nulo no grupo dos jovens (1º grau) e no grupo de maior faixa etária e menor grau de escolaridade. Estes dados revelam que o ensino formal mune os falantes com mais uma possibilidade de variável. Ao contrário do que se esperava, o uso do clítico foi mais evidente no grupo de falantes do 1º grau do que nos de 2º grau. Os falantes de 2º grau se utilizaram mais do pronome lexical do que do clítico. A justificativa para tais ocorrências foi a de que os falantes de 2º grau produziram maior número de estruturas complexas, que favorecem o uso do preenchimento por *e/e* acusativo. A

autora também conclui que os falantes que se utilizam do clítico conhecem o prestígio desta variável, mas também o produzem de maneira 'parcimoniosa'. É necessário dizer que o apagamento do objeto anafórico foi a variável com índices de uso quase categóricos.

2. Procedimentos Metodológicos

Até aqui foram apresentados os textos teóricos referentes ao tema do preenchimento e apagamento do objeto direto co-referencial. Foram apresentados os condicionamentos linguísticos, sintáticos, semânticos e também foram abarcadas as hipóteses de brasileirismo ou arcaísmo para explicar a origem do fenômeno, além do estudo diacrônico, que mostra o comportamento do pronome *ille*, do latim ao português. Estes estudos abrem as portas para novas análises, que é o objetivo deste presente trabalho. Pretende-se investigar o comportamento deste fenômeno nos chats de redes sociais, a fim de entender seus condicionamentos em modalidade escrita, porém marcada por traços de oralidade, já que se trata de um contexto informal de interação.

Os dados foram coletados em históricos de mensagens em redes sociais e os informantes foram divididos em grau de escolaridade e faixa etária. Acredita-se que o grau de escolaridade seja importante, pois se pressupõe que os clíticos são usados por pessoas que passaram pela educação formal, tendo maior competência para utilizá-los. A ocorrência do pronome lexical seria significativa entre todos os graus de escolaridade e faixa etária, porém pressupõe-se que esta variante seja utilizada com maior parcimônia entre os mais velhos e mais escolarizados. Também se acredita que os mais novos se utilizarão, com maior frequência, das variantes não-padrão, isso porque ainda não estão habituados a

ambientes de formalidade, não havendo preocupações em seguir normas gramaticais, ainda mais em redes sociais.

Os informantes foram divididos em faixas etárias de 15-20 anos, 21-30 anos e 31-45 anos. E também separados em três grupos de escolaridade; ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. A faixa etária dos 31-45 anos não contará com informantes do 1º grupo de escolaridade devido à dificuldade em se encontrar, nas redes sociais, pessoas com mais de 30 anos que tenham apenas ensino fundamental e que desenvolvam conversas extensas, susceptíveis à análise. Todos os informantes são brasilienses e as conversas foram retiradas de históricos de mensagens do chat, portanto, foram coletadas ocorrências de falas espontâneas

Tabelas 1. Informantes

Faixa Etária	1º grau	2º grau	3º grau	Total
15 – 20 anos	3	2	-	5
21 – 30 anos	3	2	2	7
31 – 45 anos	2	2	2	6
Total	8	6	4	18

2.1 Seleção de dados

Foram computadas as ocorrências de objeto direto co-referencial com SN mencionado no discurso. Este objeto pode ser expresso das seguintes maneiras:

a) Uso do clítico acusativo

(1) “É isso q da vc ficar na casa *dazamig* q morrem de medo de ladrão. A tranca da porta é tão forte q não consigo nem abri-la. Mesmo destrancada.” (23,3º)

(2) “Eu comprei o pacote que a VIP Nation disponibilizou para conhecê-los.” (23.3º)

b) Uso do pronome lexical

(1) “cara, eu amo ele e não vou deixar ele.” (15,1º)

(2) “ já que é o aniversário dela, eu peço o Vini pra pegar ela.” (45,3º)

c) Apagamento do pronome co-referencial

(1) “o filme tá aqui em casa, o Gustavo deixou (e) aqui, eu posso emprestar (e)” (45,3º)

(2) “ele é todo assim, eu não entendo (e) e eu sempre tentei ajudar (e)” (16, 2º)

3. Hipótese

A escrita de chats não pressupõe maior atenção e cuidados gramaticais. Os falantes se submetem a diálogos que se assemelham ao de conversas face a face, de contexto informal, que não demandam monitoramento de fala. O comportamento desta escrita é mais espontâneo e, por isso, carregado de marcas

de oralidade. Levando em consideração esses fatores, o que se espera em relação aos dados que serão coletados é a ocorrência significativa das variáveis não-padrão: ele acusativo e apagamento. Quanto aos clíticos, acredita-se que seu uso não apresentará número significativo, porém, quando utilizados, pressupõe-se que serão reproduzidos por falantes de maior faixa etária e maior escolaridade.

O preenchimento através do pronome lexical, que é a variável estigmatizada, pois confronta as regras da gramática normativa, acredita-se que ocorrerá independentemente da faixa etária ou da escolaridade do falante. A variável grau de escolaridade só traria discrepâncias na ocorrência do fenômeno se o contexto exigisse maior formalidade. Os falantes que conhecem a norma padrão se adaptam melhor a ambientes mais formais, porém, se utilizam o clítico em contextos informais, é bem possível que sejam tomados por pedantes.

A leitura dos textos teóricos leva a crer que a preferência pelo apagamento seja quase categórica em todas as variantes. Um dos motivos de se evitar preencher o espaço do objeto direto está na dificuldade de se identificar exatamente qual o termo a que o verbo se refere. Este complemento pode estar implícito na oração ou, por haver várias possibilidades de complemento, o preenchimento simplesmente pode não ser funcional. Edson Domingos Fagundes (1996) trata da dificuldade de se identificar esse termo de referência. O estudo traz a seguinte sentença proferida por um carteiro:

(1) ãh, hã. [É, eu]- é um serviço, assim, não é difícil, né [ele] - ele leva mais tempo dentro do Correio, preparando \emptyset , ordenando \emptyset , do que na entrega.

O autor acredita que “ao tentarmos preencher o zero, podemos nos valer de outras referências possíveis: o zero que segue *preparando* permite uma

infinidade de preenchimentos (o serviço, as correspondências, as cartas, os malotes, o bernal, os pacotes, o roteiro, enfim n coisas)." A estratégia adotada é a da simples não identificação de complemento através de pronome, até porque a palavra "serviço" não abarca todas as possibilidades de preenchimento.

Em resumo, espera-se maior número de apagamento de objeto em todos os contextos. Já o uso dos clíticos, ainda que pouco frequente, seria apenas representativo nos casos de maior faixa etária e maior escolaridade. Por outro lado, o uso do pronome lexical, acredita-se, seria usado por todos os informantes. Contudo, haveria maior ocorrência do pronome lexical entre os falantes de baixa escolaridade, já que os de maior escolaridade utilizariam a saída do apagamento.

3.1 Condicionamentos Linguísticos

Não somente fatores extra-linguísticos serão analisados para que se entenda a preferência por uma ou outra variante. Os condicionamentos linguísticos serão também explorados por este trabalho. Acredita-se que a forma em que se encontra o verbo condiciona o uso de uma estratégia em detrimento de outra. Duarte (1986) conclui em seu trabalho que as ocorrências de clítico se dão, em sua maioria, após verbos no infinitivo, com preferência de uso da forma – **lo (a)**. Serão feitas análises observando este condicionamento de natureza morfológica, com o intuito de verificar se esta análise é relevante para os dados desta presente pesquisa.

O traço semântico do antecedente, [+animado] ou [-animado], também será considerado, a fim de que se responda a preferência por apagamento ou preenchimento do objeto. Acredita-se que os antecedentes com traço [+animado] tendem a ser destacados pelo uso ou de clítico, ou de pronome lexical, enquanto

que o traço [-animado] condiciona o apagamento.

4. Análises de dados e conclusões

Foram computadas 168 ocorrências entre as três variantes: clítico, pronome lexical e apagamento. Neste momento do trabalho serão apresentados os condicionamentos linguísticos, divididos em morfológico, sintático e semântico. E os condicionamentos sociológicos, que dizem respeito à faixa etária e a grau de escolaridade dos informantes. A partir da análise destes condicionamentos pretende-se entender o porquê de certa variante em detrimento de outra. A tabela abaixo traz a percentagem e o número de ocorrências em cada variante:

Tabela 2. Total de ocorrências e a percentagem das variantes

Variante	Ocorrências	%
Clítico	13	7,73
Pronome lexical	34	20,23
Apagamento	121	72,02
Total	168	100,0

4.1 Condicionamento Linguístico Morfológico

Tabela 3. Distribuição de variante pela forma verbal

	clítico	%	Pronome lexical	%	Apagamento	%
Tempo Simples	3	23,07	18	52,94	46	38
Imperativo	-	-	3	8,82	3	2,47
Infinitivo	6	46,15	4	11,76	22	18,18
Gerúndio	-	-	-	-	-	-
Loc. Verbal c/ger.	-		4	11,76	6	4,95
Loc. Verbal c/inf.	4	30,07	3	8,82	41	33,88
Tempo Composto	-	-	2	5,88	3	2,47
Total	13		34		121	

A forma em que se encontram os verbos sustenta a escolha da variante no que se diz respeito à colocação do pronome e a forma do pronome. Das treze ocorrências de clítico, dez delas o pronome encontra-se em posição enclítica ao verbo no infinitivo. Ex:

- (1) Eu sei, não quero magoá-la de novo.
- (2) Como eu tava hospedada no mesmo hotel, consegui vê-los.
- (3) Vou ter que apelar e chamá-lo pra queda de braço.

As outras três ocorrências de pronome encontram-se em posição proclítica ao verbo no tempo simples:

- (4) Certamente todos o conhecerão. [meu namorado]

- (5) Eu tava conversando com vcs, mas parece que isso o incomodou.
 (6) Acabei de perceber q muitas das minhas anotações não fazem sentido pq eu estava com sono quando as fiz.

Estes resultados coincidem com os obtidos por Duarte (1986); existe a preferência pela forma **-lo(a)** em detrimento do pronome com um único fonema. Além disso, o clítico é usado preferencialmente após o verbo no infinitivo (76%). Quanto ao uso da forma **-no(a)**, que se dá quando posterior a verbos com terminação em fonema nasal, não foi computada nenhuma ocorrência.

O pronome lexical é mais utilizado nos tempos simples (52,94%). O traço semântico do co-referente esclarece melhor o uso dessa variante e será tratado em outro momento. E, diferente das conclusões de Duarte (1986) não houve a preferência de uso do clítico nos verbos ver e conhecer, mas sim houve o maior uso do pronome lexical. Ex:

- (7) Hoje vi ele curtindo a foto de uma guria e excluí ele. (18, 2º)
 (8) Fala veih onde tu conheceu ela. (15, 1ª)
 (9) Minha irmã de consideração conhece ele. (18, 2º)
 (10) Sábado eu vejo ela, de boa! (16, 1º)

Quanto ao apagamento, os dados mostram que os verbos no tempo simples condicionam o não preenchimento do objeto direto. Foram 46 ocorrências de apagamento, 3 de clítico e 18 de pronome lexical nos casos de verbo no tempo simples. A estratégia do apagamento também se mostra forte quando os verbos estão no infinitivo ou quando são locuções verbais com principal no infinitivo.

4.2 Condicionamento linguístico semântico

O condicionamento linguístico que trouxe maior esclarecimento sobre o uso das variantes foi o da semântica do termo referente. A tabela abaixo traz o número de ocorrências de cada variante a partir do traço [+animado] de seu antecedente:

Tabela 4. Traço semântico do antecedente

	Clítico	%	Pronome Lexical	%	Apagamento	%
[+animado]	9	69,23	28	82,35	17	14,04
[-animado]	4	30,76	6	17,64	104	85,96
Total	13		34		121	

Através dos dados apresentados pela tabela, pode-se concluir que, quando o referente é [+animado], existe a tendência em marcá-lo na oração. O apagamento se dá, em sua maioria (85%), quando o antecedente é [-animado]. Por outro lado, o clítico e o pronome lexical, que são as duas variantes em que o referente é marcado, são mais utilizados quando o antecedente é [+animado].

4.3 Condicionamento linguístico sintático

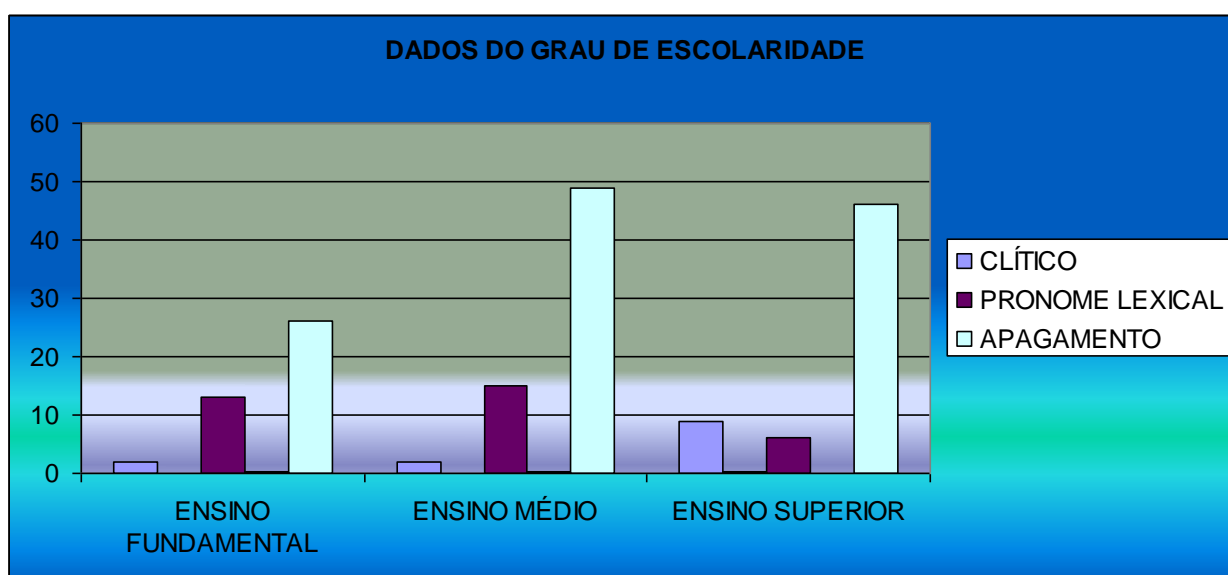
O objetivo de se analisar o condicionamento sintático era identificar os objetos diretos anafóricos que exercessem não só a função de objeto como também de sujeito de uma oração subordinada ou o termo a que um predicativo do objeto se refere. Os dados seriam distribuídos em OD (SN/S), OD (SN/S) + PRED e OD (SN/S) + S. A proposta era identificar se existe a tendência pelo preenchimento de objeto direto anafórico quando este objeto exerce duas funções no período.

Entretanto, a amostra desta pesquisa apresentou apenas uma oração formada por predicativo do objeto, “Eu faço uma vedação e deixo ela top” (32,2ª), e nenhuma construção feita por oração subordinada reduzida, ou mesmo desenvolvida, em que o objeto direto da oração principal fosse sujeito da oração subordinada. Portanto, não foi viável fazer tal análise sob este aspecto sintático.

As construções coletadas em ambiente virtual não apresentaram estruturas muito complexas. A maioria das ocorrências foi de orações coordenadas e poucas orações subordinadas substantivas. A hipótese é a de que o ambiente das redes sociais não promove conversas mais elaboradas, as mensagens são denominadas instantâneas, pois pressupõem agilidade, um bate volta de informações. Acredita-se que, por esse motivo, o diálogo em ambiente virtual não oferece a complexidade que uma conversa face a face pode promover. Além disso, o falante que conversa no chat não está com a sua atenção sempre focada à conversa, ele divide a atenção com outras conversas, com outros sites, impossibilitando talvez um diálogo mais extenso. Por conseguinte, as estruturas coletadas não apresentaram dados que pudessem responder a hipótese do condicionamento linguístico de natureza sintática.

4.4 Condicionamentos Sociais

Gráfico 1. Uso das variantes segundo o grau de escolaridade



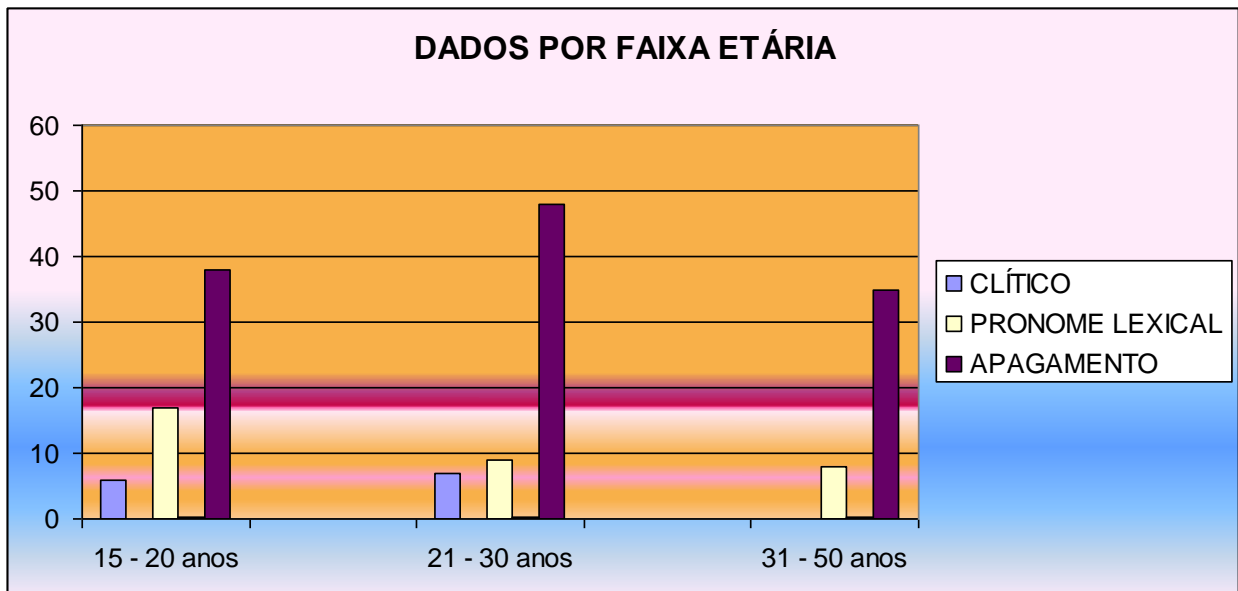
O percentual de ocorrências segundo a escolaridade mostra que o uso do

clítico ascende quanto maior a escolaridade do falante. Foram computadas 9 ocorrências de clítico entre os informantes de ensino superior, 2 entre os de ensino fundamental e 2 entre os de ensino médio. Este resultado confirma a hipótese de que os falantes com maior grau de escolaridade, pelo fato de aprenderem esta variante no ensino formal, se utilizam do clítico com maior propriedade, mesmo que tenham sido registradas poucas ocorrências.

O gráfico também traz resultados importantes a respeito do uso do pronome lexical, que é mais utilizado pelos falantes de escolaridade mais baixa. A hipótese deste trabalho era a de que o pronome lexical seria desempenhado por todos os falantes, mesmo sendo a variante mais estigmatizada, porém os informantes de ensino fundamental e ensino médio apresentariam maior percentagem de ocorrências do uso do pronome lexical. As percentagens mostram que, quanto ao uso *ele*-acusativo, os falantes de ensino fundamental (31,71%) e ensino médio (22,73%) desempenharam em maior quantidade o uso dessa variante.

O apagamento do objeto referencial foi a variante que mais se destacou, sendo mais usada pelos falantes de ensino superior (75,41%) e ensino médio (74,24%). A estratégia do apagamento mostrou-se quase categórica entre todos os graus de escolaridade, reforçando os estudos de Duarte (1986), que apresentaram o apagamento como a variante mais desempenhada em todos os contextos.

Gráfico 2. Uso das variantes segundo a faixa etária



As estratégias de uso das variantes segundo a idade mostram que os falantes com a faixa etária de 21 – 30 anos tiveram a maior percentagem de uso dos clíticos (10,93%). A faixa etária dos 15 – 20 anos apresentou 6 ocorrências de uso do clítico (9,83%). Dado espantoso foi o referente à faixa etária de 31 – 50 anos, que não apresentou nenhuma ocorrência de clítico. Resultado este que nega a hipótese inicial de que os falantes de maior faixa etária apresentariam o maior número de ocorrências de clítico.

Quanto ao pronome lexical, houve maior ocorrência de uso na faixa etária dos 15 – 20 anos (27,86%), resultado que comprova a hipótese de que os falantes mais novos usam com maior frequência a variante mais estigmatizada.

Novamente, a estratégia do apagamento foi a mais usada em todas as faixas etárias, havendo destaque para a faixa dos 31 – 50 anos, em que foi apresentado a maior ocorrência do apagamento (81,39%).

Tabela 5. Distribuição de variantes segundo escolaridade e idade

Idade/Escolaridade	clítico	%	Pronome lexical	%	Apagamento	%	Total
15 – 20 anos							
Ensino Fundamental	2	9,52	12	57,14	7	33,33	21
Ensino Médio	2	10	4	20	14	70	20
Ensino Superior	2	10	1	5	17	85	20
21 – 30 anos							
Ensino Fundamental	-	-	1	5	19	95	20
Ensino Médio	-	-	7	29,16	17	70,83	24
Ensino Superior	7	35	1	5	12	60	20
31 – 50 anos							
Ensino Médio	-	-	4	18,18	18	81,81	22
Ensino Superior	-	-	4	19,04	17	80,95	21
Total	13	-	34	-	121	-	168

A tabela acima mostra o cruzamento do grau de escolaridade com a faixa etária e traz resultados importantes a respeito do uso dessas variantes. Os falantes com maior grau de escolaridade e faixa etária de 21 – 30 anos usaram o clítico com maior frequência.

O pronome lexical é mais usado pelos falantes mais novos e com menor faixa etária, a percentagem foi de 57,14%, único momento em que o uso do pronome lexical supera o apagamento (33,33%). A segunda maior ocorrência de pronome lexical foi entre os informantes da faixa etária 21 – 30 anos, grau de escolaridade do ensino médio, que apresentaram 7 ocorrências de pronome lexical (29,16%).

Os dados a respeito do apagamento mostram que os falantes de 21 – 30 anos e ensino fundamental, num número de 20 ocorrências, apresentaram 19 de apagamento e 1 de pronome lexical, tendo como resultado 95% na estratégia do apagamento. A menor percentagem de uso do apagamento ocorreu nos falantes mais novos e de ensino fundamental, que mostraram uma maior ocorrência de pronome lexical do que de objeto nulo.

5. Considerações Finais

A proposta deste estudo foi a de identificar fatores sociais e linguísticos que condicionam o uso de cada uma das três variantes; clítico acusativo, pronome lexical e apagamento do objeto anafórico. Foi possível constatar que a forma do verbo influencia a escolha de uma estratégia em detrimento da outra, o traço semântico do referente também justifica a escolha pelo preenchimento ou apagamento do objeto direto. A idade e a escolaridade também interferem nestas escolhas, dessa maneira chega-se às seguintes conclusões;

- a) Ocorre com maior frequência o preenchimento por clítico acusativo quando o verbo está no infinitivo, existindo a preferência pela forma **-lo(a)**, que se

dá quando o pronome é enclítico a um verbo terminado em r, s ou z. Existe a preferência de uso do pronome lexical quando o verbo está na sua forma simples e o apagamento se dá em, sua maioria, quando o verbo se apresenta forma simples ou quando é uma locução verbal com o principal no infinitivo.

- b) Quando o traço semântico do antecedente for [+animado] prevalece a preferência pelo preenchimento do objeto direto anafórico, seja por pronome lexical, seja por clítico acusativo. Por outro lado, o traço [-animado] do antecedente condiciona o apagamento do objeto.
- c) Quanto ao grau de escolaridade, pode-se concluir que a ocorrência de clítico é maior entre os falantes de ensino superior e o pronome lexical ocorre com maior frequência entre os falantes de ensino fundamental. A conclusão é a de que o ensino formal mune o falante com uma nova estratégia, a do clítico acusativo, conseguindo utilizá-la com maior propriedade.
- d) Quanto à faixa etária dos falantes, conclui-se que os informantes entre os 21 – 30 anos usam com maior frequência o clítico, já os mais velhos, entre 31 – 50 anos não se utilizam de clítico acusativo, porém usam com maior frequência a estratégia do apagamento. Os mais novos, por sua vez, se utilizam com maior frequência da estratégia do pronome lexical, havendo maior ocorrência deste do que do apagamento, que se apresentava quase categórico em todas as análises.

Em suma, esta pesquisa possibilitou entender que a escolha de uma variante ou outra não se dá de forma aleatória, pelo contrário, existem fatores que condicionam a ocorrência do clítico acusativo, do pronome lexical ou do apagamento no ambiente virtual.

Referências Bibliográficas

CAMARA, JR, Joaquim Mattoso; UCHÔA, Falcão. *Ele como acusativo no Português do Brasil*. Dispersos de J. Mattoso Camara Jr. Rio de Janeiro, FGV: 1975.

CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil*. Dissertação de mestrado – Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1986.

FAGUNDES, Édson Domingos. *Alguns problemas na identificação do referente em casos de ausência de preenchimento do pronome objeto*. FRAGMENTA, Curso de Pós-Graduação em Letras, Curitiba, Vol. 13, p. 33 – 50, 1996.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza, *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto 2003.

PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira. *O emprego do ele-acusativo: do português brasileiro ao latim*. Dialeto mineiro e outras falas: Estudos de variação e mudança linguística, Belo Horizonte, p. 67 – 81, 2002.